

## **JUVENTUDES E GRAFITE: A CIDADE, ESPAÇO DE PRODUÇÕES DE SENTIDOS**

Lucia Helena Ramos (UFPE)

Muitas pesquisas sobre as condições dos jovens e sobre as cidades contemporâneas estão sendo desenvolvidas, em diferentes campos de estudos: psicologia, sociologia, geografia, antropologia e história, e, com essas interfaces, englobam diferentes temáticas, como juventudes, cidades, direitos à cidade, espaço urbano, comunidade. Nesta pesquisa, *Os sentidos da apropriação da cidade por jovens grafiteiros/as*, o campo de estudo se refere à Subjetividade e Cidade, e nosso tema será Juventudes e Apropriação.

Os sujeitos da pesquisa são os grafiteiros e grafiteiras que acompanharemos em seus modos de se individualizar, de produzir sentidos e o que pretendem significar na cidade. São seis jovens de ambos os sexos, com idades de 19 a 31 anos.

Adotamos uma perspectiva de subjetividade contextualizada, entendendo que as pessoas se desenvolvem a partir do envolvimento com seu lugar de origem, bairro, cidade, cultura, família, história e bens adquiridos. Esses jovens grafiteiros, por meio de sua arte, apropriam-se de muros, de lugares estratégicos da cidade, para manifestar suas demandas, seus anseios, dificuldades, desejos, desafios de viver nesse contexto. Com estilos próprios de vida juvenil, eles buscam apropriar-se desse espaço físico e simbólico que é a cidade contemporânea

O tema abordado levanta questões e reflexões sobre o conceito de juventude e o compreende em dimensões polissêmicas, no plural. O contexto de complexidade das cidades contemporâneas exige dos jovens atitudes de desprendimento, de enfrentamento aos riscos de viver os desafios dos grandes centros urbanos. O acesso aos lugares mais próximos ou mais distantes de nosso cotidiano faz surgir processos pessoais de reflexão sobre o sentido que damos a nós mesmos, faz-nos indagar “Quem somos nesta cidade?”, leva-nos a experienciar com fascínio e, ao mesmo tempo, com temor as situações nesse contexto. Os jovens grafiteiros e grafiteiras, em sua maioria, são moradores de comunidades desfavorecidas economicamente e geograficamente, que freqüentam as ruas da cidade (geralmente em grupos) e estão inseridos no movimento Hip Hop. Assim, fez-se necessário – além do estudo sobre cidade,

para o que elegemos a teoria do direito à cidade de Lefébvre (1999 e 2001) – apresentar os sentidos sobre comunidade, pelos estudos de Santos (2008) e Bauman (2003). Vale ainda ressaltar que, embora nossos participantes sejam de ambos os sexos, não abordaremos a temática relativa a gênero, embora percebamos a importância e a necessidade de se desenvolver esse estudo no movimento Hip Hop.

## **Cidade e Juventude**

São diversas as formas de ser cidadão. Cada cidade tem sua singularidade, experiências históricas próprias e se alimenta da inventividade de seus moradores. Os jovens, embora com dificuldades, deslocam-se diariamente de sua comunidade.

Nesta pesquisa, a cidade é considerada um direito. O direito à cidade, formulado pela teoria de Lefébvre (2001) sobre a cidade, só existe como o direito à vida urbana. Nesse sentido, os grafiteiros da cidade de Recife podem estar indicando, em suas práticas de apropriação pela arte, uma forma de conquista desses direitos, e é isso que pretendemos investigar. Para esse teórico, só a vida social, a práxis, pode criar as relações sociais, e, sem sair desse foco, ele propõe uma nova cidade, uma nova vida em sociedade urbana. É importante destacar que o autor inicia um debate sobre as teorias urbanísticas e faz uma crítica aos projetos para a cidade que incluem apenas as necessidades individuais e que favorecem grupos economicamente dominantes.

Propondo uma revisão das formas, funções e estruturas da cidade, Lefébvre (2001) indica que se faz importante considerar as necessidades sociais da cidade. Essas necessidades têm características de ser opostas e complementares, e se apresentam em dois tipos. O primeiro é o das necessidades mais gerais, tais como segurança e abertura; certeza e aventura; organização do trabalho e do jogo; previsibilidade e imprevisto; unidade e diferença; isolamento e encontro; independência e comunicação. O segundo inclui as necessidades mais específicas: atividades criadoras, simbólicas, de obra, de informação.

Essas necessidades se apresentam na vida social, e cada grupo constrói seus sistemas de significação sobre elas. Ainda segundo o autor, são os sistemas de significação do habitante os menos influenciadores dos projetos urbanísticos, visto que são o olhar dos técnicos de arquitetura e os interesses dos programas de governo que imperam nas realizações desses

projetos. Ele alerta para a necessidade da construção de um caminho para a sociedade urbana, do humano como obra, na direção “do homem urbano, polivalente, polissensorial, capaz de relações complexas e transparentes...” (2001, p.107).

Os jovens grafiteiros, ao se apropriar da cidade com sua arte, com encontros nas ruas e praças, ao deslocarem-se da periferia para os centros, atuam na direção de se incluírem nos espaços, vivenciam e denunciam as exclusões, e indicam as necessidades de conquista de novos espaços urbanos.

Os jovens criticam a vida urbana, que impede que as pessoas caminhem pelas ruas, percebam e apreciem lugares e obras de arte. Em suas análises, Lefévre (2001) diz que a cidade moderna, industrial, assume ares de objeto de consumo cultural para turistas, desejosos de espetáculos e do pitoresco. Ele reafirma a importância da rua como lugar de encontro, em detrimento da invasão dos automóveis, de sua locomoção como prioritária pela cidade: “Aproxima-se o dia em que será preciso limitar os direitos e poderes do automóvel, não sem dificuldades e destruições” (Lefévre, 1999, p.29).

De modo geral, Lefévre (2001) defende o direito à vida urbana, criado a partir de novas bases e estruturas que priorizem a vida cotidiana do habitante, das diferentes formas de se viver na sociedade urbana. Segundo o autor, o urbano é o lugar de encontro, que prioriza o valor do uso e pressupõe uma teoria integral da cidade e da sociedade urbana: “Que a cidade torne a ser o que foi: ato e obra de um pensamento complexo, quem não desejaria isto?” (Lefévre, 2001, p.113).

## **Teorias da Cidade**

As cidades existem em diferentes tamanhos, cada uma delas tem sua própria história, e elas são marcadas por diferenças: as pessoas que vivem nelas, como são distribuídas as atividades e a produção. Os limites entre a cidade e o campo, muitas vezes, são difusos e dinâmicos. As atividades exercidas pelas pessoas, a divisão do trabalho e como ela se dá vão definir seu dinamismo próprio. Elas se caracterizam por desenvolver atividades tipicamente urbanas: comércio, transformação da matéria-prima na indústria, prestação de serviços, transporte urbano, criação de redes de esgotos, dentre outras.

Segundo Sposito (1994), a cidade é o local onde, historicamente, alojou-se o grupo encarregado de gerenciar e consumir excedentes agrícolas – diferentemente das áreas de produção agrícola –, ao qual se juntaram artesãos, militares e funcionários a eles ligados. Constituiu-se assim um núcleo populacional dependente dos alimentos produzidos na zona rural, e cujas atividades eram predominantemente o comércio, a indústria e os serviços.

Por meio dos estudos de Freitag (2006) sobre as teorias da cidade, podemos apreender as diferentes formas de compreender e construir os espaços urbanos. A produção inter e multidisciplinar das escolas, que, ao longo do tempo, formou conceitos sobre cidade, consideramos aspectos econômicos, urbano, político, social e cultural.

### **Processo de Urbanização: crescimento populacional e marginalidade**

Com a Revolução Industrial, o processo de urbanização surgiu de forma acelerada, e a expansão do crescimento populacional tornou-se um problema. Em 1900, havia no mundo 11 cidades com mais de um milhão de habitantes, em 1920, eram 20 cidades, em 1940, eram 51, em 1955, eram 69 e, em 1961, eram 80 cidades (Santos, 2008, p.14). Nos países desenvolvidos, de 1920 a 1960, a população urbana cresceu pouco mais de um terço, enquanto, nos países ditos subdesenvolvidos, ela triplicou, revelando na África e nos países da América Latina os mais elevados ritmos de crescimentos (Santos, 2008). Surgiu também, segundo Maiolino e Mancebo (2005), como consequência do crescimento acelerado e desigual das grandes cidades, o fenômeno da marginalidade, do qual advêm os núcleos de populações recentes, nas bordas ou margens do espaço urbano.

Nos anos 80, continuam as autoras, o enfoque na marginalidade mudou para o sentido de cidadania limitada, do ponto de vista da dificuldade de grupos de participar da sociedade e ascender economicamente. Estudiosos como Milton Santos (1987) promovem debates sobre a pobreza, com ênfase nos direitos de cidadania e de territórios, defendendo ao mesmo tempo o direito ao pertencimento de lugar de origem e questionando a fixação da pobreza em determinados espaços. Nesse mesmo tempo, surgiu no Brasil, em São Paulo, o movimento de grafite, junto ao Hip Hop, que traduz a realidade dos jovens moradores desses espaços urbanos desprestigiados, como luta pelos direitos de acesso à cidade e contra as desigualdades econômicas e sociais. Os jovens tinham como princípios o direito ao deslocamento na cidade,

a transitar das favelas para os centros urbanos, e mesmo questionar as condições de vida nas áreas degradadas, abandonadas pelo poder público estatal.

Já na década de 1990, o discurso da marginalidade foi substituído pelo de exclusão social, de modo a abranger as minorias: negros, mulheres, homossexuais, deficientes, além de desempregados, meninos de rua, sem-teto. Outro debate que permeia as questões de urbanização nas cidades contemporâneas se refere à estrutura polarizadora entre pobres e ricos, que caracteriza situação de gritante desigualdade social. Admite-se, por um lado, que há grande número de pessoas vivendo de trabalho informal, em péssimas condições de moradia, e, por outro lado, há os que vivem com ótimos salários e têm boa qualidade de vida (Ribeiro, 2000a, apud Maiolino e Mancebo, 2005), assim, entende-se a sociedade como dividida, segregada espacialmente e economicamente.

As realidades brasileiras são diversas e distintas. As condições de locomoção de jovens e da população em geral não favorecem o transitar pela cidade, restringem as atividades aos locais próximos das moradias. Isso conseqüentemente faz com que as condições econômicas delimitem os acessos, o que pode favorecer uma segregação espacial. “No caso da cidade de Recife e de sua organização espacial, essa denominação inclui áreas centrais onde se apresentam favelas e palafitas, entre outros tipos de urbanidade, nas quais predomina a lógica da pobreza e da falta” (Costa e Menezes, 2009, p.3). As limitações de acesso à cidade, por parte dos grafiteiros e grafiteiras, não caracterizam impedimento para eles, que criam alternativas de viver e sentir a cidade, de forma a valorizarem seu lugar de origem, suas comunidades, reconhecendo-se neles, como já havia dito Santos (1987). Também observamos em Recife, assim como em outros grandes centros urbanos de nosso país, as condições de pobreza em distintos locais da cidade, no centro e no entorno dos bairros de alto poder aquisitivo.

## **Juventudes& Grafite**

Uma ampla literatura sobre juventude reconhece a multiplicidade de entendimentos sobre o que é ser jovem. Nos últimos 30 anos, os jovens têm sido atores centrais de mobilização coletiva, e a temática da juventude tem despertado interesse, tanto da mídia como dos órgãos públicos. No Brasil, a década de 90 foi marcada por grandes acontecimentos

referentes a resoluções, em função de medidas e ações que consideram a criança e o adolescente como sujeito de direito. Em junho de 1990, foi aprovado pelo Congresso Nacional o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),<sup>1</sup> evidenciamos sua importância, no que se refere ao destaque dado às necessidades de proteção, pela família, sociedade e o Estado, a crianças e adolescentes, bem como à visão destes como sujeitos de direito. A partir do governo do Presidente Lula, em 2003, foram realizados fóruns de discussões em todos os estados sobre os problemas sociais e necessidades da juventude. Em 2004, o governou Lula criou o Conselho Nacional da Juventude e a Secretária da Juventude, e surgiram de Secretarias Estaduais da Juventude, em alguns estados brasileiros. Nesses anos, ações vêm sendo realizadas por agências de cooperação internacional junto à sociedade civil, pelas ONGs, além de pesquisas e publicações que permitem traçar de forma mais assertiva o perfil e as necessidades dos jovens brasileiros.

As juventudes contemporâneas então imersas em um contexto social de mudanças profundas, expressam suas inquietações a partir de ações em grupos específicos. Os jovens, mediante uma linguagem própria, dão indícios de que essas mudanças promovem novos atores sociais. O destaque dado à juventude nesta pesquisa não se revela em função das condições de temporalidade e diferenciação biológica, parte do princípio de que a sociedade hoje, em decorrência das mudanças estruturais de complexidade, comunicação e linguagem, absorve as características de incertezas, transição, mobilidade, e desloca esses atributos por todas as faixas de idades. Ser jovem é ter possibilidades amplas de experiências.

Os estudos sobre juventude trazem reflexões pertinentes, que vêm questionar o critério etário utilizado para defini-la, especialmente, no que se refere à homogeneidade dos grupos juvenis, considerando-se juventude uma situação vivida em comum por certos indivíduos. Tais estudos afirmam também que é o sistema sociocultural e econômico que determina o início, a transição e o final, sendo a delimitação por idade arbitrária e estática. Nesse sentido, esta pesquisa sugere os aspectos de diversidade sociocultural para se compreender as questões da juventude, fazendo as combinações com outras situações sociais, tanto nacionais como locais, bem como os recortes de etnia e gênero. Essa proposta inclui a visão de

---

<sup>1</sup> ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – é um conjunto de normas do [ordenamento jurídico](#) brasileiro, que tem como objetivo a proteção integral da [criança](#) e do [adolescente](#), aplicando medidas e expedindo encaminhamentos. O ECA foi instituído pela Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, que regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes, inspirada nas diretrizes fornecidas pela [Constituição Federal de 1988](#), internalizando uma série de normativas internacionais ([Wikipédia](#), 2011).

diversidade de identidades e o uso sociológico no plural do termo juventude, sugerida por teóricos como Claudia Rezende (apud Groppo, 2000).

Consideramos a multiplicidade de juventudes, identidades diferenciadas, de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular. Luis Groppo (2000) enfatiza que compreender a juventude como categoria social é importante para se entender as diversas características das sociedades modernas. As mudanças de significados e vivências sociais das juventudes estão diretamente relacionadas com as mudanças da própria modernidade, nos aspectos culturais, de lazer, mercado de consumo, relações cotidianas e políticas não institucionais (Groppo, 2000). Na contemporaneidade, parece que as vivências juvenis são marcadas pela formação de grupos que favorecem distintas formas de ser e de distintos grupos afins.

Nesse sentido, a perspectiva sobre juventude se distancia das definições desenvolvimentistas que a consideram um momento de transição, de apreensão, como passagem para a fase adulta.

Castro (2004) considera a condição de diferença e de singularidade tanto para crianças como para jovens. A autora questiona o princípio de incapacidade social, política e cultural atribuída a esses atores sociais, e que os excluem da vida social. Ela considera toda a capacidade de ser jovem, a partir da valorização de suas ações. Para ela, o sujeito se desenvolve pelas competências no aqui e agora, e sua capacidade de ação está entendida como simbolização crítica do sujeito humano, não sendo roteirizada, considerando-se o contraditório, o contingente e o particular. Nesses termos, um sujeito somente é um sujeito de direito, quando sua ação *a priori* é considerada válida e uma manifestação singular de seu ser.

## **Grafite**

Se acompanharmos a história da arte e da humanidade, perceberemos que a necessidade de expressão pela arte visual esteve presente desde os tempos mais remotos. Em termos de produção artística, os desenhos nas paredes das cavernas são as manifestações mais antigas feitas pelo homem, que apresentavam uma linguagem simbólica particular. Segundo Gitahy, grafitar significa: “riscar, documentar de forma consciente ou não, fatos e situações ao

longo do tempo”(1999, p.12). Trata-se de uma necessidade humana natural, que demonstra a necessidade de liberdade de expressão.

O grafite sugere a atividade de interferir na cidade, e, por conta dessas ações, provoca opiniões polêmicas e atitudes de rejeição e aceitação pela sociedade, na qual pode ser entendido como prática marginal ou manifestação de arte. Reconhecidamente, pelos estudos em história das artes visuais, o grafite é considerado um estilo de *streetart* ou arte urbana, que tem como principal necessidade a visibilidade, tornar os espaços uma galeria de arte ao ar livre, conseguindo atingir o maior número possível de pessoas com sua criação. É uma arte interativa, em cujo processo de realização o artista mantém contato direto com as pessoas, faz um diálogo com a cidade, provoca as situações e é provocado por elas, ao ponto que a criação pode receber interferência antes de sua concretização e durante sua construção.

No Brasil, a partir do final da década de 70 e início da década de 80, começaram a aparecer na cidade de São Paulo as primeiras impressões no grafite, cuja maior influência foram os grafites de Nova York. Os primeiros estilos, segundo Poato (2006), apareceram em forma de poesia, com elementos figurativos que dialogavam com as pichações poéticas, tendo seus grafites imagens do universo das histórias em quadrinho, máscaras vazadas e carimbos de publicidades, feitas pelo grafiteiro Alex Vallauri, de São Paulo. Os primeiros inscritos tinham a preocupação de deixar mensagens de protesto, imprimir o nome e a referência do local ou o número da casa onde morava o artista. Em 1980, surgiu no Brasil, especialmente em São Paulo, o estilo americano de grafitar, que refletia as influências do movimento Hip Hop, com letras distorcidas, confusas, entrelaçadas e com códigos específicos, difíceis de ser compreendidos por quem não estivesse inserido no movimento.

O grafite, além de ser uma expressão de arte, por meio de desenhos, letras e formas criativas, inclui práticas coletivas de manifestações no espaço urbano, que denunciam as desigualdades sociais, vividas por grupos ou pessoas em condições de exclusão social, econômica, espacial e cultural, e que tornam alguns espaços da cidade pontos de convergências e divergências de grupos juvenis. São diversos os estilos de grafite, em que os grupos imprimem suas marcas, demarcam territórios nas cidades e, em suas produções, questionam a utilização dos espaços urbanos e propõem reflexões sobre a vida nas cidades: “o grafite é uma produção efêmera que reinventa cada gesto, encontrando caminhos que podem



revelar outros significados do espaço, descobrindo, explorando e experimentando” (Nandrea apud Furtado, 2000, p. 14).

### **O grafite em Recife**

De acordo com a revista *Continente* (2009), em Recife, desde 1980, outras formas de arte clandestina acontecem nas ruas: são os mutirões artísticos cooperativos, como a Brigada Portinari. Os primeiros grafites realizados nos muros da cidade foram de autoria de Olho, Guerreiro, Wlad e Russo, surgiram em paralelo a outras linguagens artísticas, como o Rap, a música Planet Rock, o DJ África Bambaataa, e, assim como o Break, fizeram ascender o movimento de grafite em Recife. Puderam-se assim ser vistas as primeiras inscrições de pichadores, como “Recifede” e “ET washere”, em que não havia preocupação com a autoria. A partir dos trabalhos do grupo denominado Subgraf, o grafite começou a ter destaque, ganhando espaço em eventos da prefeitura e do governo do estado, bem como em outros eventos culturais.

Um novo debate acontece no mundo do grafite atualmente, que diz respeito a ser ou não o grafite inserido no movimento Hip Hop, bem como a aceitação do grafite comercial. Não há dúvidas entre os grafiteiros de que a sociedade vem aceitando e inserindo o grafite nos projetos tanto públicos quanto privados. Esses jovens são convidados pelas autoridades a realizar grafites comerciais, para divulgação de produtos, que, conseqüentemente, favorecem ganhos financeiros para eles.

Nesse sentido, há quem acredite que o grafite perde sua originalidade quando passa a ser comercial, e deixa de ser grafite, mas há os que acreditam que tudo é grafite e que jamais o grafite deixará de ter a essência de rua e de manifestação libertária.

Outro aspecto atual é que o grafite não é essencialmente oriundo do Hip Hop, há grafiteiros que fazem arte na rua, como, por exemplo, um grafite *gospel* ou arte mural, não participam do movimento e sua estética é diferenciada: “O Recife hoje tem grafiteiros muito bons, mas a grande maioria ainda está ligada ao movimento Hip Hop. Isso provoca gap, certo atraso em relação ao que ocorre no resto do mundo” (Moa, apud Revista *Continente*, 2009, p.16).

Muitas são as iniciativas que consolidam o grafite no Recife. Vale salientar as oficinas de arte realizadas nos projetos sociais pelas ONGs, que contribuíram para o fortalecimento dessas práticas juvenis, em complementação ao ensino formal. Os espaços em Recife onde melhor podemos encontrar essas expressões são: a Boa Vista, Rua da Aurora, Rua da Moeda, Av. Caxangá, Pátio de São Pedro, armazéns do Porto do Recife, Imbiribeira e Av. Norte.

A história do grafite, além de ser escrita nos muros, faz surgir intercâmbio entre esses jovens, haja vista as ações de grafiteiros de outros estados em eventos e criações no Recife. Jovens da França, de Goiás, de São Paulo, Brasília, Florianópolis e Alemanha são convidados a participar de mutirões de grafite na cidade. Essas práticas são em essência as formas de sociabilidade juvenil presentes nos movimentos de grafite, que tornam as ruas e praças locais de aglomeração, para a troca de experiência e fortalecimento do aprendizado pela arte.

Os jovens tomam consciência da importância da arte como transformação social, e nesses encontros eles a promulgam. São também continuamente realizadas ações para conscientização dos direitos e da cidadania, nas quais esses jovens buscam uma organização para a luta contra a discriminação e o direito de ser reconhecidos em suas diferenças e situações socioculturais. Eles estão inseridos em um movimento que permite ampla comunicação, e formam redes de conexão pela tecnologia da computação, o que demonstra seu poder de organização.

De forma ampla, o grafite nos faz imersos em um labirinto de signos, não apenas aqueles que nos são atirados diariamente pela publicidade, mas também aqueles que nos chegam e nos confrontam, simplesmente por estarem no meio do caminho. São signos de uma comunicação essencialmente urbana, mas que tem suas origens nas cavernas, como já havíamos mencionado antes, na ocasião em que aquele primeiro homem ou mulher sentiu uma necessidade, teve a vontade de inscrever nas paredes desenhos de animais, objetos de uso pessoal etc.

Assim sendo, o grafite deixa sua marca como registro de uma forma de viver e produzir cultura, que influenciou e criou seguidores, os quais imprimem suas mensagens, suas marcas, idéias e anseios. Talvez por isto, ser ao ar livre, em espaço público, em comunicação direta, sem mediações, muitas vezes, sem autorizações, sem adequar-se a uma dimensão mais ou menos normalizada das relações sociais, as pichações e os grafites ainda causem estranheza. Talvez nem tanto mais assim, pois o grafite está nas roupas, *outdoors*, cadernos, aberturas de

novelas, cenários de peças teatrais, propagandas, produções científicas, galerias e museus. Em cada cidade, esses artistas expressam seus cotidianos, necessidades e formam um estilo próprio de grafitar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere aos jovens grafiteiros e grafiteiras de Recife, as conquistas visam a uma apropriação dos espaços urbanos. Segundo os relatos, os jovens sentem a cidade como sua, e é nela que vislumbram as oportunidades de realizar ações que valorizam sua forma própria de ver o mundo e de se sentir pertencendo a esse lugar. Diante das adversidades de estar em comunidades que carecem de infraestrutura adequada e por trazerem a marca de um passado de vivências de ocupação de outros espaços, eles carregam hoje, em suas práticas, necessidades de inclusão, seja física, seja simbólica.

A influência recebida de outras culturas no movimento Hip Hop, em especial, da americana, pelos grafiteiros e pelas grafiteiras do Brasil, faz suscitar que a força **da luta** contra as desigualdades sociais e étnicas, a segregação física e simbólica e por acesso a oportunidades tem marcado o desenvolvimento desses grupos juvenis, tornando-se sua arte bandeira **da luta**, mediante distintas expressões artísticas. O movimento Hip Hop surgiu da resistência de povos desapropriados de seus espaços de origem, que ocuparam outros espaços possíveis. Como se pode ver, historicamente, o fenômeno de migrações para os centros urbanos causou mudanças estruturais nos processos de urbanização das cidades. Os interesses políticos e dominantes de grupos econômicos, nas sociedades industriais, fez surgir cidades que singularizam esses interesses, ao omitir e segregar os interesses de grupos desfavorecidos economicamente.

Os grafiteiros e as grafiteiras da pesquisa, em suas narrativas, falam dessa cidade que se deseja reconquistar, da busca pela transformação da cidade, onde a obra tem o valor de uso e o produto, valor de troca, parafraseando Lefévre. Embora nosso objeto de estudo fossem os grupos juvenis contemporâneos, nos quais a arte e as formas de viver em sociedade atingiram expressões e sentidos diversos, não parece contraditória a crítica às formas imediatistas e globalizantes, tão bem explanadas pelos jovens grafiteiros e grafiteiras da pesquisa. A arte põe-lhes em contato com esses espaços urbanos: becos, ruas, avenidas, metrô, praças,

centros e comunidades, e esses espaços fazem-nos refletir e atuar em direção à conquista de uma cidade que talvez não lhes represente, mas lhes pertence.

Nesse sentido, os jovens grafiteiros e as jovens grafiteiras de Recife estão deixando de ocupar os espaços para se apropriar da cidade. As cidades contemporâneas impõem um ritmo veloz, de contrastes, de super-valorização da publicidade, da arte dos espaços fechados, da conquista do ter em vez do ser, e os jovens grafiteiros e grafiteiras, em suas práticas, pretendem transformar essa realidade. Vale salientar que as ações dos grafiteiros não se resumem apenas às criações artísticas, elas se ampliam a atividades, como: produção de eventos culturais nas comunidades, repasse de conhecimento de grafite por oficinas de arte, ações educativas e inserção de projetos para fortalecer a consciência crítica dos jovens e da sociedade. Em todos os relatos, os jovens trazem o sentido de apropriação como algo a ser tomado para ser feito, geograficamente e simbolicamente. Assim, eles apreendem os espaços como tentativa de refazer experiências e impor estilos de vida.

Outro aspecto evidenciado, tanto nas falas como nas imagens, é que as práticas dos grafites têm como pano de fundo a necessidade de busca de reconhecimento e visibilidade na sociedade e por ela. Merece destaque a forma como a cidade, sem cores e com prédios enormes, apresenta-se em imagem de fundo, enquanto as imagens sobrepostas aos prédios, identificadas como marca de cada grafiteiro ou grafiteira, confirmam o que podemos observar nos estudos realizados, ou seja, que nas narrativas o sujeito modifica a realidade e é modificado por ela. Imprimindo sua marca, ele também expressa sua forma particular de ser e, ao mesmo tempo, suas influências culturais e simbólicas, apreendidas nas relações com as pessoas.

Para esses artistas, a expressão de arte nas ruas é uma possibilidade de mostrar sua forma de pensar e sentir a cidade, de manter-se vinculados afetivamente e socialmente, demonstrando poder de interagir e mudar a sociedade. O grafite viabiliza a aproximação com o mundo social, com o objetivo de conquistar um espaço em que as diferentes formas de se vivê-lo sejam consideradas em um todo que é a cidade. Ao mesmo tempo, a arte os aproxima de si mesmos. Os jovens apresentaram sentimentos de satisfação e realização com os comentários dos transeuntes, no ato de grafitar. Parece haver um sentimento de pureza afetiva e colaboração com a cidade. Eles sentem que estão fazendo algo bom para a cidade, diferentemente de o que o senso comum entende, pois identifica sua arte como ações de

vandalismo. As transgressões são formas de sentir-se atuando e de transformar a sociedade, de ter direito à cidade, mesmo que, para torná-la bela, tenham de correr riscos. Afinal, correr risco já é um sentimento incorporado à luta pela sobrevivência e conquista de uma vida digna.

Percebemos que, ao longo do tempo, o grafite foi sendo mais aceito pela sociedade e se tornando mais plural em suas motivações. O que era essencialmente motivo de protesto e resistência à dominação de uma minoria da população cidadina, hoje, ampliou-se para um grafite que atende às necessidades de profissionalização e conquista de bens materiais. Hoje se podem ver grafites em diferentes lugares, inclusive, em galerias e museus. Essas características trazem tensões entre os objetivos originários do grafite, levam à atualização de necessidades, ao mesmo tempo em que dão indícios de conquistas de espaço dos grafiteiros, em órgãos públicos, empresariais, midiáticos e na sociedade em geral.

Não cabe nas falas dos entrevistados um julgamento negativo e dual entre o grafite transgressor e comercial. Segundo os jovens, a essência do grafite não muda, ao contrário, ele amplifica e diversifica as oportunidades de criação, pois haverá sempre grafites nas ruas. Nesses posicionamentos, esses jovens parecem compactuar com a necessidade de se ganhar renda, e o grafite se torna uma opção profissional, no caso dos grafites comerciais.

Percebemos diferentes formas de realização da criação. Alguns grafiteiros, antes de grafitar, pensam na ideia, elaboram esboços no papel, mostram ao amigo. Para outros, a criação surge na hora de criar e, muitas vezes, eles mudam o tema, em decorrência da casualidade do momento e da influência do contexto presente. A abertura para situações do cotidiano marca o diferencial da arte de rua. Os grafiteiros e grafiteiras, mediante as experiências vividas no cotidiano, de sentir-se, de interagir com as pessoas, encontram motivo para fazer arte, e assim devolver à cidade o que pode ser sensivelmente e vivencialmente percebido pelo olhar de uma lente grande angular. Essas interações dos jovens pela arte designam um sentido de sociedade em que a experiência humana pode ser potencializada em ações organizativas de redes, de forma que as pessoas e suas ações se tornem parte dessa rede de interações, seja por diferenças de classe, etnia, gênero e outras.

Nesse sentido, as investigações evidenciam que os jovens grafiteiros e as grafiteiras, junto ao movimento Hip Hop, estão criando formas contemporâneas de organização coletiva, que transcendem o modelo de comunicação corpo a corpo, para uma também comunicação virtual. Eles expressam, como característica de organização, formas flexíveis de conviver

coletivamente, não reforçam grupos hegemônicos, e sim a multiplicidade de grupos e líderes situacionais. Especialmente em Recife, pois a pesquisa se restringiu a esse local, liderados por grupos de grafiteiros, evidenciamos a realização mensal de ações culturais de diferentes linguagens artísticas, denominadas Mutirão de Resistência, que desenham uma forma de atuar coletivamente em prol da visibilidade da arte de rua e do fortalecimento dos valores culturais locais.

A sociabilização em redes é forma juvenil, hoje, de atuação coletiva, que viabiliza ações de proximidade, bem como as de longa distância. Os deslocamentos nos espaços urbanos, que fazem com que os jovens interajam uns com outros, são importantes no processo de construção identitária, ao longo do desenvolvimento humano. Percebemos que esses grafiteiros expressam conhecimento acerca da realidade cultural da cidade. Revelando seus estilos musicais e artísticos, eles confirmam que, por meio da sociabilidade das ruas, eles conquistam um aprendizado que ultrapassa os limites formais de ensino. Na rua, nos encontros com os pares, eles desenvolvem capacidade de interlocução com os agentes sociais, aprendem estratégias de ação para conquistar projetos comuns e singulares, além de obter parcerias que os levam à realização artística e profissional.

Os modos de viver dos jovens na cidade mostram um estilo de vida que afirma a identificação dos pares, em desejos, gostos e preferências pela arte e cultura local. Percebe-se sua inserção freqüente nos eventos culturais da cidade e principalmente sua disposição para realizar os próprios eventos, assegurando formas diferenciadas de viver os espaços urbanos. Diferentemente de o que possa parecer, os jovens grafiteiros, embora se distingam dos jovens pichadores, apresentam identificação com as formas transgressoras de se expressar, registram que o grafite, originariamente, surgiu da pichação e o definem como criação artística.

Os jovens entrevistados informam que há uma disputa interna comum ao movimento de grafite, para a conquista de lugares de maior visibilidade no centro da cidade, e que pode ser causadora de rivalidade entre os grupos.

Disputa é também uma das características encontradas no sentido de conquista de um lugar de destaque na sociedade, por jovens que pretendem realizar-se profissionalmente pela arte do grafite. Apropriação é palavra usual nos relatos dos jovens, entendendo-se que o grafite tem “evoluido” e que a cidade “evolui”, à medida que tem mais grafite nas ruas e à medida que eles têm conseguido destaque na imprensa falada e escrita. O que as imagens

conseguem narrar é uma cidade que se apresenta a outra cidade e que, por meio delas, os grafiteiros e grafiteiras recriam a si e o mundo em que vivem.

Suas práticas, a partir de formas específicas e diversas de se relacionar com outros jovens, sinalizam que é pertinente a discussão hoje sobre as inadequações de políticas voltadas para os jovens, e não com os jovens. Nesse sentido, a predisposição apresentada pelos jovens grafiteiros e pelas jovens grafiteiras para agir diante das dificuldades sociais confirma serem os modelos de aprendizagem *adultocêntrica* uma condição que não revela o sentido real da atuação juvenil. Esses jovens aprendem com outros jovens a conquistar seus espaços, buscar novas compreensões e saberes e, acima de tudo, adquirir compromisso pelo repasse e multiplicação dos conhecimentos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, J.; COSTA, M. **Os territórios de ação:** políticas de jovens do movimento Hip Hop. *Revista em Pauta*, v.6, n.24. dez. 2009.

CASTRO, L. **A aventura urbana:** crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004

GITAHY, C. **O que é o graffitti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

GROPPO, L. A. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LEFÉBVRE, H. **O direito à cidade.** Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MAIOLINO, A. L. G.; MANCEBO, D. Análise histórica da desigualdade; marginalidade, segregação e exclusão. **Revista de Psicologia & Sociologia** n. 17, v.2, p.14-20, maio/ago 2005.

POATO, S. **O graffitti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil:** estéticas e estilos. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Núcleo do Imaginário e Memória, Laboratório de Estudos do Imaginário, 2006.

SANTOS, M. **Manual de geografia urbana.** 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SPOSITO, M. P. **A sociabilidade juvenil e a rua**: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo social. **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v.5, n.1-2, p.161-178, 1993. (editado em nov. 1994).